

## O FAZER CIÊNCIA EM CAMPINA GRANDE SOB A ÓTICA DO DIÁRIO DA BORBOREMA (1957-1967)<sup>1</sup>

Fábio Ronaldo da Silva  
José Valmi O. Torres  
Rosilene Dias Montenegro (orientadora)

Espaço privilegiado para a construção de memórias sociais no cenário contemporâneo, o jornal impresso tem motivado inúmeras reflexões acerca de seu papel na formação das identidades sociais e das representações. Neste sentido, o trabalho aqui apresentado, fruto de uma reflexão preliminar e ao mesmo tempo roteiro para uma investigação mais detalhada, ainda em andamento, pretende discutir algumas representações sobre ciência e tecnologia na cidade de Campina Grande, feitas pelo órgão de imprensa, *Diário da Borborema*, e busca uma abordagem que privilegie o processo histórico, recortado por marcos significativos, tais como: a criação do próprio Diário da Borborema na cidade e a vinculação desse órgão a uma das maiores cadeias jornalísticas da América Latina; a federalização da Escola Politécnica, ocorrida em 1960 e a instalação de várias empresas que iriam contribuir no desenvolvimento técnico-científico campinense.

Sendo a imprensa um meio de comunicação de massa, capaz de gerar e fixar representações acerca de fatos, pessoas, espaços e datas, um lugar privilegiado de construção da memória nas sociedades urbanas, nos propomos mostrar como foram sendo construídas, as representações e as memórias acerca da Escola Politécnica da Paraíba no jornal *Diário da Borborema*, no período compreendido entre outubro de 1957 e final de 1960. A formação do Estado moderno traz consigo o fenômeno de consagração da opinião pública, que se manifestam em uma sociedade livre, desembaraçada e progressivamente articulada em vários centros categorizados de opiniões, tais como: jornais, revistas, clubes e institutos, partidos e associações, rádios e televisão, todos implementados em prol de uma maior participação política dos indivíduos. Nesse sentido, privilegamos a mídia como um dos instrumentos de existência da opinião pública, admitindo que esta última possa representar, como nos mostra Bobbio:

"um duplo sentido: quer no momento da sua formação, uma vez que não é privada e nasce do debate público, quer no seu objeto, a coisa pública. Como 'opinião', é sempre discutível, muda com o tempo e permite a discordância: na realidade, ela expressa mais juízos de valor do que juízos de fato, próprios da ciência e dos entendidos. Enquanto 'pública', isto é, pertencente ao âmbito ou universo político, conviria antes falar de opiniões no plural, já que nesse universo não há espaço apenas para uma verdade política, para uma epistemocracia. A opinião pública não coincide com a verdade, precisamente por ser opinião, por ser doxa e não episteme; mas, na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático "História Local Para Além das Fronteiras: Fontes de Pesquisa e Metodologia Aplicada", durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

medida em que se forma e fortalece no debate, expressa uma atitude racional, crítica e bem informada”<sup>2</sup>.

A escolha pela pesquisa da fonte documental constituída pelo arquivo de o *Diário da Borborema*, se deveu ao fato de ser este o mais antigo jornal com circulação diária e ininterrupta, na cidade, desde sua fundação, em outubro de 1957. Nesse período, a que se refere o objeto do presente trabalho, existiam outros jornais, como nos mostra Silva (1996:36): o jornal *Evolução* (1958), sob a direção de Lúcio Rabelo e Jason de Lima; o *Gazeta Campinense* (1960), dirigido pela Diocese de Campina Grande; e, ainda, o periódico *Revolução Democrática* (1960) e *Tribuna de Campina* (1966) sob a direção de Agnelo Amorim e Josué Silvestre.

De acordo com Júlio César Gomes de Oliveira, jornalista de o *Diário da Borborema*, esse jornal sempre foi o reflexo do desenvolvimento econômico que a cidade presencia desde o fim da década de 50 e início de 60. Segundo Stênio Lopes (1992: 15) Campina Grande, na década de 50, se apresentava como um dos maiores centros de atividades na Paraíba e, em 1955, quando sua arrecadação de tributos superou a de Manaus, João Pessoa, Aracajú, Maceió, Natal, São Luís, Florianópolis, Teresina e Cuiabá. Além desse dado, é de se considerar que, na época, funcionavam na cidade dez agências bancárias. Sob a lógica do desenvolvimento, o jornal carregaria para si, a responsabilidade de ser o principal difusor da imagem de cidade grande, desenvolvida, moderna e de “ares” progressista. Segundo Araújo (1985:301) durante o seu discurso, em Campina Grande, no ano de 1949, por ocasião da fundação da Rádio Borborema, Assis Chateaubriand prometera às lideranças do município um jornal associado.

Com número inaugural lançado em 2 de outubro de 1957, o *Diário da Borborema* foi um empreendimento dos Diários e Associados, de iniciativa do próprio Assis Chateaubriand, fundador dessa rede de jornais. Este primeiro número do *Diário da Borborema* foi publicado com sete cadernos em um total de 56 páginas. Dentre seus colaboradores, o jornal teve Epitácio Soares, Osmário Lopes, Stênio Lopes, Raymundo Asfora, Nilo Tavares, Orlando Tejo. Além de notícias nacionais e algumas internacionais, o *Diário* publicava notícias regionais e locais e, também, crônicas e artigos de escritores que não moravam na Paraíba, destacando-se o próprio Assis Chateaubriand, Austregésilio de Athayde e Ademar Vidal, dentre outros.

Ainda segundo Araújo (1985: 303), alguns jornalistas foram requisitados pelo diretor João Gusmão Bastos, para auxiliar na montagem do *Diário da Borborema*. Dessa forma, jornalistas como Wills Leal, que trabalhava em *O Norte*, jornal da mesma cadeia em João Pessoa, e Felizardo Montalverne, do *Correio do Ceará*, em Fortaleza, passaram alguns anos auxiliando a equipe do diário campinense. Isso também contribuiu para que o *Diário da*

---

<sup>2</sup> Bobbio (1986:842)

*Borborema* se consolidasse e ganhasse a preferência dos leitores de jornal da cidade de Campina Grande.

“Relativamente combativo, apesar dos condicionamentos políticos, econômicos e ideológicos de que sempre dependeu o DB, decorrentes de sua própria posição, não ficava sem cobertura um episódio de ordem político-social que viesse a ocorrer.”<sup>3</sup>

Entretanto, questões relacionadas ao desenvolvimento técnico científico de Campina Grande também pautaram as folhas desse jornal, onde as instituições que contribuíram para o desenvolvimento da cidade ganharam, desde o primeiro momento, espaço em suas colunas, as quais conferiam *status* a Campina Grande.

Entre as décadas de cinquenta e final de sessenta, muitas empresas que haviam se instalado na cidade atraída, ainda, pelo reavivamento da fase áurea do algodão, contribuíram para o desenvolvimento sócio-econômico campinense. Podemos destacar a Escola Técnica do Comércio de Campina Grande, a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica (1956), a Faculdade Católica de Filosofia de Campina Grande (1952), a Faculdade de Serviço Social de Campina Grande (1951), origem da Universidade Regional do Nordeste (URN), criada em 1966 através da Lei Municipal e, transformada em 1986, na Universidade Estadual da Paraíba. Esta última estava sendo instalada na cidade para suprir uma lacuna que era a da cultura, pois a mesma já havia se desenvolvido científica e tecnologicamente como afirma Lopes de Andrade. “Mesmo sendo voltada para o desenvolvimento da ciência e tecnologia, a cidade esta sendo dotada da URN que irá contribuir para o crescimento de outro campo de saber, o cultural” (Diário da Borborema: 01/03/1967, página: 02). Foram, também, criadas nessas décadas várias empresas municipais e órgãos voltados para o desenvolvimento da cidade; a Campanha Municipal de Desenvolvimento (COMUDE), criada pela Prefeitura Municipal em 1956. Em 1957, foi criada a SANESA, a primeira Sociedade Mista de Água e Esgoto de todo o Brasil e da América do Sul. Segundo Lima (1996:50) a base do modelo da SANESA serviu posteriormente para a criação da TELINGRA criada em 04 de novembro de 1955, o Fundo de Desenvolvimento Agro-Industrial (FADIN), o Banco de Fomento Agrícola S.A (BANFOP), criado em 08 de abril de 1959, além da Wallig Nordeste S.A, CANDE, FIBRASA, PREMOL e IPELSA, todas criadas em 1966.

Stênio Lopes, jornalista e diretor do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) de Campina Grande afirmou no *Diário da Borborema* na coluna “Rosa dos Ventos”: “A FUNDACT chegou em Campina Grande para preparar os jovens para a ciência e tecnologia bem como para a arte e letras” (Diário da Borborema: 01/08/1958, página 07).

---

<sup>3</sup> Araújo (1985: 304)

De acordo com Lima (1996:52) além de orientar os empresários da cidade, a FUNDACT servia como um cartão de vista para os industriais que desejavam instalar suas empresas em Campina Grande. Além das atividades ligadas à indústria, a Fundação mantinha a Faculdade Católica de Filosofia e a Escola Industrial de Campina Grande, que preparava os técnicos para a indústria que estava em expansão. Ainda segundo o autor (1996:51), “a criação desta Fundação fazia parte dos planos de um setor da sociedade que acreditava que a industrialização seria a redenção para a cidade, resolvendo todos os problemas sociais, e a FUNDACT seria o órgão que direcionaria esta etapa do desenvolvimento.”

Nisbet (1985:187) nos mostra que, a partir do final do século XVIII até o século XX, existia uma afinidade entre fé no progresso e fé no que hoje chamamos de “crescimento econômico” e essa crença era quase que unanimidade entre os pensadores daquele período. Ainda segundo o autor, embora os intelectuais discordassem sobre o que realmente significava a palavra “progresso”, existiam duas vertentes sob as quais ele, o progresso, era encarado: o “progresso” como liberdade e como poder.

No primeiro caso, temos os representantes do Iluminismo que consideravam a liberdade como um direito sagrado e, de acordo com essa perspectiva, o último objetivo do progresso deveria ser um constante avanço da liberdade individual no mundo onde esta seria cada vez mais abrangente. Já no segundo caso, o poder também é celebrado como elemento necessário para a obtenção do progresso. As doutrinas de culto ao Estado, bem como o racismo e o utopismo, ligaram o poder à perspectiva de progresso, sempre em nome de algum tipo de libertação, salvação ou redenção na Terra. Esse poder estava mais preocupado em moldar e disciplinar a consciência humana do que limitar a ação da mesma. Assim, podemos ter noção das idéias publicadas no *Diário da Borborema* naquele período.

De 1930 a meados de 1950, com a aceleração do processo de modernização, e como acontecia nos principais centros urbanos do país, a exemplo do Rio de Janeiro, o pensamento urbanístico campinense foi marcado pela filosofia positivista, que associava o progresso à noção do que era belo, higiênico e salubre. É importante lembrar que os pensamentos naquela época eram justificados com argumentos sofisticados e legitimados pelo saber científico e técnico que os fundamentavam (Rago:1987). Em grande parte das matérias pesquisadas e coletadas para o “resgate” da história da Politécnica podemos perceber a necessidade de se mostrar uma Campina que estava se desenvolvendo tecnológica e cientificamente.

Em meados de 50 a cidade já possuía a Faculdade Católica de Filosofia (FAFI), a Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) e a Faculdade de Serviço Social (FASES), além da Escola Politécnica da Paraíba (POLI) o que reforçava o discurso dos jornalistas e colunistas que escreviam para o *Diário*. Dentre essas notícias, podemos destacar o desejo do colunista Stênio Lopes que afirmava em um de seus artigos escritos para a coluna

“Encruzilhada” ser Campina uma cidade totalmente desenvolvida e capaz de comportar uma outra faculdade, só que esta seria uma faculdade federal, pois “Campina Grande já é tão desenvolvida quanto Recife e tem espírito de progresso”, afirmava Lopes em seu artigo.

Na década de 1950, como nos mostra Lopes (s/d:15-16) quando o processo industrial assume maior importância no desenvolvimento econômico do país, altera-se o quadro organizacional do espaço regionalizado por Campina Grande. Isto porque, implanta-se uma nova política econômica a favor do Centro-Sul, passando o Nordeste a se integrar na nova divisão inter-regional do trabalho.

Neste período a cidade já possuía espírito de grandeza. A Escola Politécnica Campina Grande foi escolhida para oferecer a disciplina “Problemas do Nordeste” onde se discutiria alternativas para sanar problemas sociais que afligiam a região nordestina. E, como é comum no processo de modernização, o novo passou a ser representante do avanço, de progresso enquanto o que já existia, e conseqüentemente era velho, passou a ser sinônimo de obsoleto, atrasado, provinciano. Percebe-se o contraste do novo com o “velho”, do olhar positivo com o “negativo”, da lembrança e do inédito, e este movimento contribuirá para a formação de um novo olhar, tanto em relação à cidade, como em relação ao indivíduo, pois este último é resultado das mudanças ocorridas no tempo e no espaço em que vive.

Era necessário passar a idéia de uma cidade desenvolvida e progressista para os campinenses, bem como era uma ótima forma de atrair turistas para que desenvolvessem negócios na cidade, e também para que outras instituições desenvolvessem encontros ou seminários regionais e nacionais na Politécnica, FIEP, Associação Comercial, dentre outras instituições. Podemos ter como exemplo, a exposição do tricentenário franciscano, que passou por Salvador e Recife e que ficou exposta na Escola Técnica do Comércio em 1958; a realização do Seminário sobre o Problema de Desenvolvimento Econômico do Nordeste, que foi promovido pela FUNDCAT em junho de 1958, dentre outros. Podemos citar ainda como exemplo, a matéria publicada em 01 de fevereiro de 1958, onde Néelson Pita, Diretor de Divisão do SESI afirma: “Campina Grande é o centro industrial e de irradiação econômica da Paraíba”, contribuindo assim, para a construção da imagem de uma Campina desenvolvida e moderna.

Essa boa imagem de Campina Grande, desenvolvida, limpa e progressista contribuiu para que algumas empresas aqui se instalassem, bem como contribuiu para a criação do Instituto de Pesquisas Econômicas criado em março de 1958, sendo na época, equiparado aos maiores centros de pesquisa do país. Sabemos que o mundo é o conjunto dos fatos. Fatos são alterações de um estado de coisas. Campina não era uma cidade tão moderna quanto mostravam os jornais da época, em especial o *Diário da Borborema*. Era repleta de “sujeira” com pessoas pobres morando em casebres no centro da cidade, sem contar com a grande massa de pessoas desempregadas, dentre outros que começavam a tomar conta da cidade

na esperança de encontrar emprego. É importante lembrar, também, que a cidade ainda não possuía uma infra-estrutura completa, com esgoto e água encanada, o que só viria a ser implantada no final de 1958.

Além da falta de estrutura existente na cidade e da pobreza, havia ainda a falta de conscientização de boa parte dos campinenses da noção de cidade moderna e progressista mostrada pelo *Diário da Borborema*, como poderemos observar no artigo do jornalista Lopes de Andrade publicado na coluna “Homens e fatos”:

“a comunidade local necessita adquirir, com urgência, consciência da importância de que já é um grande centro de formação técnico-científico-profissional e que poderá se tornar ainda maior com as faculdades de Química Industrial, Ciências da Administração e com a Escola de Veterinária e Agronomia dentro da estrutura da Universidade Regional do Nordeste que estará sendo instalada em breve na cidade”<sup>4</sup>.

Percebemos que, ao mesmo tempo em que construía a imagem de uma cidade desenvolvida, que poderia ajudar no desenvolvimento não apenas da Paraíba, mas de todo o Nordeste, boa parte das pessoas não estava consciente dessa Campina que era desenvolvida científica e tecnologicamente, havendo a necessidade de se pedir para que as pessoas percebessem as mudanças pelas quais a cidade estava passando.

Tendo começado a circular na cidade no fim do segundo semestre de 1957, foram publicadas no *Diário da Borborema* mais de dez notícias sobre a Escola Politécnica e, desde o início tentava-se mostrar a imagem de uma Escola que estava contribuindo para o desenvolvimento não só de Campina Grande, mas da Paraíba e de todo o Nordeste. O próprio editorial do jornal afirmava que “a Politécnica mostra o espírito de iniciativa dos campinenses e que ela deve ser vista como a menina dos olhos” (*Diário da Borborema*: 19/12/1958, página 02).

O jornalista Lopes de Andrade, na mesma coluna (*Diário da Borborema*: 09/11/1957 página 02), diz que a Escola Politécnica é “*uma das mais bem montadas do Nordeste*”, ou seja, desde seu primeiro ano de edição, o jornal defendia a imagem de uma Escola que se sobrepunha, em termos de estruturas, as outras Escolas e faculdades do Nordeste à época. A imagem de Escola progressista e moderna, que ajudaria a solucionar os problemas regionais mesmo no fim da década de 60, ainda era bastante forte como poderemos perceber na matéria que o *Diário* publicou comemorando os dez anos da POLI.

“(…) A partir de 1963, com a mudança para sua sede própria, em Bodocongó, vem apresentando grande expressão com a ampliação da área construída, instalação de diversos laboratórios e aumento do acervo de seus equipamentos. Também foram criados os cursos de Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica além das opções de Transporte e Saneamento, do curso de Engenharia Civil. Elevou-se ao nível de ensino tecnológico e básico, com a incorporação de novos docentes egressos de outros centros, principalmente do ITA. AVANÇO: Professores estrangeiros, de alto nível, através da Cooperação Técnica Francesa, da USAID e

<sup>4</sup> *Diário da Borborema*: 06/01/1967, página 02

da Comissão FULBRIGHT lecionam naquela Escola superior e vários professores participam de curso de pós-graduação e aperfeiçoamento no sul do país e no estrangeiro. A EPUFP mantém convênios com a Escola de Engenharia de São Carlos e o ITA, por meio da Universidade Federal da Paraíba e acordos de cooperação técnica para Hidráulica de Toulouse, França. EXPANSÃO: A Escola Politécnica é”. hoje, indiscutivelmente, uma das melhores unidades de engenharia do nosso país, para satisfação e orgulho dos campinenses. Dispõe de área construída de 600 m<sup>2</sup> e no momento se encontra em construção mais 1300 m<sup>2</sup>. Trezentos jovens de todo Nordeste realizam seus estudos, orientados por 54 professores”<sup>5</sup>.

No mesmo ano em que estava sendo inaugurada a Universidade Regional do Nordeste e dois anos antes da instalação do primeiro computador na cidade, que ocorreu em 1968, sendo um dos primeiros computadores a ser instalado no interior do Nordeste, o *Diário* publicou uma matéria onde Rui Camargo, professor da USP diz “que Campina Grande possui um bom número de instituições de ensino superior qualificado e que a Politécnica poderá fazer de Campina Grande um centro tecnológico de alto nível” (Diário da Borborema: 26/01/1966, página: 08). É possível perceber que, mesmo com a inauguração de uma nova unidade de ensino superior na cidade, o jornal dava preferência em continuar construindo a imagem de uma Campina desenvolvida a nível tecnológico, isto é, mesmo publicando matérias sobre a URN, o jornal afirmava que a Instituição iria (apenas) contribuir na formação cultural da cidade, como podemos perceber abaixo.

“Professor e jornalista Nilo Pereira, diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco envia carta do prefeito William Arruda e afirma que a Universidade Regional do Nordeste é iniciativa que engrandece a cultura de Campina Grande”<sup>6</sup>.

Como não existe um jornalismo imparcial, podemos dizer que os jornalistas do *Diário* contribuíram para consolidar a imagem de uma urbe que estava à frente de muitas outras cidades do Nordeste e essa imagem, quer queira quer não, de certa forma ajudou a cidade a se desenvolver com a vinda de empresas que desenvolveram projetos tecno-científico e que, de certa forma, contribuíram também para que a Politécnica se desenvolvesse.

O *Diário da Borborema* ajudava a motivar os seus leitores a fazer um curso de nível superior. Mas esse incentivo não era porque ele iria ter um maior aprendizado, o incentivo pelo curso de nível superior estava ligado à questão de ajudar a região Nordeste a se desenvolver, como poderemos observar nos seguintes artigos: “*Stênio Lopes afirma que chegou o momento de preparar os jovens para a ciência e tecnologia bem como para a arte e letras*”. No artigo, ele fala em nome do Conselho da FUNDACT (Diário da Borborema: 01/08/1958, página 07) e temos ainda o artigo do jornalista Lopes de Andrade que em sua coluna “*Homens e Fatos*” afirma que “a Escola Politécnica ajudará o Brasil a sair do atraso histórico tecno-científico que assola o país” (Diário da Borborema: 11/06/1959, página 02). Como percebemos, havia toda uma idealização de que os engenheiros da Politécnica iriam

<sup>5</sup> Diário da Borborema: 06/10/1967, página: 08

<sup>6</sup> (Diário da Borborema: 23/04/1966, página: 08)

ajudar a sanar com os problemas do país relacionados à ciência e tecnologia, isto é, havia a super valorização do curso e da própria Escola Politécnica.

Talvez por essa super valorização que os engenheiros que se formaram na primeira turma do curso de Engenharia Civil tenham sido solicitados pelo governador do Ceará, para ajudar na construção da barragem de Orós que havia sido destruída pelas chuvas (Diário da Borborema: 27/06/1959, página 02).

Com essas e outras notícias, o *Diário da Borborema* contribuía não apenas na formação de uma imagem de uma Escola de nível superior moderna e que, possivelmente, resolveria problemas do país, mas essas notícias estavam interligadas a idéia de “cidade moderna” da qual Campina Grande fazia parte. De toda maneira, como não existe jornalismo imparcial, podemos dizer que os jornalistas do *Diário da Borborema* contribuíram para consolidar a imagem de uma Politécnica que estava à frente de outras faculdades que existiam no Nordeste, e essa imagem, de certa forma ajudou a cidade e a Escola a se desenvolver recebendo doações para que investisse em projetos e que estes contribuíssem para o desenvolvimento, não só de Campina Grande, mas de todo o país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Fátima; **História e ideologia da imprensa na Paraíba**, Editora A União, João Pessoa, 1985.

BOBBIO, Norberto; Matteucci, Nicolo; Pasquino, Gianfranco. **Dicionário de Política**, 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986, p. 842.

DO Ó, Edvaldo de Souza. **Politécnica – Primeira Escola Superior de Campina Grande**. Editora Campina Grande LTDA, S/D.

LIMA, Damião de. **O processo de industrialização via incentivos fiscais: Expansão e crise em Campina Grande**. 1996. 50 f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural), Centro HUmanidades. Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande.

LOPES, Stênio. **Escola Politécnica de Campina Grande – Uma Experiência de Desenvolvimento Tecnológico do Nordeste**. Campina Grande: Editora Tecnal, S/D.

NISBET, Robert. **História da idéia de progresso**. Brasília: Editora da UnB, 1985.

RAGO, Margaret. **Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

SILVA. Itan Pereira da. **UEPB: Uma universidade emergente – Retalhos de uma história de 30 anos**. Campina Grande: Departamento de Produção Gráfica da SEC-PB, 1996.

Arquivos do Diário da Borborema: 02 de outubro de 1957 a 29 de dezembro de 1967.